

Tatuagens e seus significados para seus donos

Maria Moura

Tatuagens e seus significados para seus donos

Maria Moura

A autora deste livro se chama Maria Moura. Ela é ruiva e tem uma tatuagem. Também é apaixonada por livros e séries, gosta de tudo relacionado ao mundo dos super-heróis e tem como plano aprender outros idiomas, além do inglês.

Expediente:

Professor Orientador: Diogenes José Barbosa Pereira

Conteúdo fotográfico: Maria Moura

Conteúdo Textual: Maria Moura

Diagramação: Nicholas

Capítulo 1	
História da tatuagem	07
Capítulo 2	
A tatuagem e os estereótipos	11
Capítulo 3	
Representação e significação da arte de se tatuar	15
Capítulo 4	
Relatos de quem possui tatuagem	19
Capítulo 5	
Preconceito tem jeito?	51

Capítulo 1

História da tatuagem

Historicamente, não se sabe quando se deu início a prática de se tatuar. Alguns estudiosos acreditam que ela começou em um só local e foi se espalhando pelo mundo; e outros acreditam que ela começou em várias partes do mundo, em épocas diferentes e com formas diferentes.

Outros, aqueles que criticaram a ideia de a tatuagem ter sido inventada várias vezes, acreditam que ela surgiu nas grandes migrações dos grupos humanos e por isso ela se espalhou ao redor do mundo. Autor do livro 'O Brasil tatuado e outros mundos', Toni Marques registrou em sua obra que, em 1991, na fronteira da Itália com a Áustria, foi encontrado 'O homem de gelo', do ano de 5.300 a.C., onde se encontrava tatuagens espalhadas pelo corpo.

Também foi encontrada no Egito, na região do Alto Nilo, uma estatueta egípcia de argila de 4.000 anos a.C., que continha figuras de mulheres, provavelmente dançarinas, com tatuagens pelo corpo. Instrumentos de tatuagens também foram encontrados nesta mesma região.

Pode-se dizer que a tatuagem, para algumas civilizações, faz parte da sua cultura, como as tatuagens Moari, que fazem parte da cultura havaiana. Para este povo, o ato de se tatuar, em destaque para os homens, era uma forma de mostrar a passagem do menino para a vida adulta e assim ele se transformava em um guerreiro.

Outros que também carregavam desenhos na pele eram os marinheiros que, ao viajarem pelo Oceano Pacífico, durante o século XVII, conheceram a cultura do Moari e ficaram encantados com a prática, aderindo ao costume e, com isso, levaram a arte de se tatuar para os portos europeus.

A cultura da tatuagem também estava presente no dia a dia dos povos indígenas. Os índios norte-americanos, conhecidos como pele-vermelha, por exemplo, praticavam a pintura corporal, tanto para ocasiões de guerra, quanto para de luto.

O termo tatuagem é derivado de uma onomatopeia taitiana, onde quando se era usado o instrumento para se fazer a tatuagem, ele reproduzia um som de batida. A palavra vem do 'tau' ou 'tatau', que significa 'ferida, desenho batido'. Já no inglês, quem se tornou o pai da palavra tattoo, foi o capitão James Cook.

A tatuagem chegou aos Estados Unidos do mesmo modo que chegou a Europa, pelo mar. No século XIX, se tatuar virou um fenômeno nas classes baixas, durante a Guerra Civil. Nesta mesma

época, no Japão, o povo ainu, tinha o costume de praticar a tatuagem facial, que era exclusiva para as mulheres. Também eram vistas tatuagens na parte das mãos e dos braços. Hori Choy foi um tatuador muito famoso no país, pois criou a terceira cor, o marrom, na paleta da tatuagem.

Já no início do século XX, a tatuagem já fazia parte do dia a dia, dos portos europeus e americanos, e foi nesta mesma época que começou a surgir o mercado das tatuagens. Londres era o local considerado como sendo o melhor para se tatuar, antes desta febre chegar em Nova York. Um tatuador com nome de peso foi Sutherland MacDonald. Ele formulou um azul-marinho, que se fixava na pele assim como o marrom de Choy.

No Brasil, a prática de se tatuar não tem registro datado, mas acredita-se que antes mesmo da chegada dos portugueses os índios tinham um costume de pintar a pele, bastante semelhante com a prática de se tatuar. Os povos urucum e jenipapo, foram os principais fornecedores de matérias primas para se formar as tintas que foram vistas nos corpos dos povos indígenas brasileiros. Os tupinambás, tabajaras e guaranis eram os povos que se tatuavam.

Assim como o Moari, os tupinambás se tatuavam como forma de mostrar a hierarquia entre os membros, como também era uma forma de iniciação, de magia, luto e sacrifício. Os desenhos destes povos eram quase sempre geométricos, em formas de linhas, tramas ou manchas, feitas no rosto e corpo.

As tatuagens foram sendo espalhadas mundo a fora pelos marinheiros, nos portos. E no Brasil não foi diferente. Mas esta cultura se popularizou no país ainda mais com a chegada do tatuador dinamarquês Knud Harld Likke Gregersen, mais conhecido como Tattoo Lucky, em 1959. Ele ficou conhecido, entre os tatuadores como o fundador da prática da tatuagem no Brasil.

Em menos de seis meses, o tatuador já fazia sucesso nos telejornais da época, contando que a inspiração veio de dentro de casa, já que seu pai também foi tatuador. Foi graças a ele, o Brasil entrou no mundo moderno da tatuagem.

Grupo de roqueiros e do movimento hippie, que eram os que mais se destacavam por carregar tatuagens pelo corpo nos anos 1960, com a motivação de se mostrarem diferentes ao sistema ditado na época, serviram como forma para a sociedade ligar a tatuagem aos grupos 'rebeldes' e começou-se a se ligar o ato de se tatuar como a marginalidade e a criminalidade.

Capítulo 2

A tatuagem e os esteriótipos

Por não se ter tanta informação sobre a prática de se tatuar e sua história, ter uma tatuagem, faz com que o estereótipo - e até mesmo o estigma - continuem tendo espaço na sociedade.

Por falta não só de informação, mas também de um melhor esclarecimento, as pessoas julgam os outros - aqueles que carregam tatuagens na pele -, sem ao menos conhecer o que estas pessoas são e o que elas fazem.

Estereótipos tem como definição um conjunto de crenças definidas como simplificações da realidade, que podem distorcer e generalizar características (que podem ser negativas, positivas ou neutras) de determinados grupos de pessoas ou objetos (BRITO E CUSTÓDIO, p.4).

A prática da tatuagem seguiu uma fase de peregrinação pelos setores marginais da sociedade, a exemplo das pessoas reclusas que, muitas vezes, carregam na pele tatuagens que dizem respeito a algum crime que cometeram ou que até mesmo que seja uma homenagem a alguém. (RIBEIRO e PINTO, 2013, p. 10).

A sociedade passou a associar a prática de se tatuar como uma ação ligada a um sentido negativo, já que se tornou algo popular entre os 'fora da lei'. Por esta razão, com o passar do tempo, estereótipos foram colocados nas pessoas que carregam desenhos na pele e casos de preconceito foram aumentando.

Assim como registra Silva (2007, p. 65): “preconceitos e estereótipos seriam parte de um conjunto de normas sociais e que, desde cedo, se aprende na escola e em casa, as atitudes e os comportamentos que são partilhados na comunidade”. Por este motivo, muitas das pessoas carregam consigo o estereótipo, que vem sendo passado de geração em geração.

Mas isto não significa que ela seja preconceituosa. Ainda de acordo com Silva (2007, p. 60), “existem dois tipos de estereótipos: o de ativação automática e ativação controlada”. Estereótipos automáticos são: “amplamente disseminados na nossa cultura, estes sobrevivem à nossa mente assim que nos deparamos com certas pessoas”. Por ser algo comum na cultura brasileira, logo que se depara com esta situação, julga-se as pessoas de forma precipitada. Mas se o indivíduo não for preconceituoso, ele irá refletir sobre este pensamento e reavaliar sua primeira impressão.

Em uma pessoa preconceituosa, acontece o oposto, ela não irá reavaliar a sua primeira impressão e poderá agir: tanto de forma verbal, ou seja, fazendo algum comentário maldoso; ou de

forma não-verbal, quando não falará nada, porém seu modo de olhar ou até de agir, no momento, pode entregar o seu preconceito, quando se deparar em uma situação, em que se sinta desconfortável em relação a aparência de alguém, por exemplo.

Se pode ligar também este tipo de ação como sendo estigma visual, que se define como julgar alguém pela aparência, não só se tratando de tatuagens, como também de corte de cabelo, estilo de roupa, entre outros. Melo (2005, p. 2) define que: “o estigma representa algo mal algo e que deve ser evitado pelas pessoas”. A sociedade irá ditar um padrão a que as pessoas devem pertencer, a chamada de identidade social real, para que possa saber distinguir um dos outros.

Por não aceitar aqueles que fogem do seu padrão, estas pessoas passam a ser vistas como nocivas e acabam por ter que dar uma resposta ao que a sociedade determina como certo, ou seja, a pessoa ou o grupo de pessoas estigmatizadas, precisa desenvolverem formas de esconder o que realmente são para serem aceitas.

Não se pode concordar que as pessoas escondam o que são ou que deixem de fazer alguma mudança estética só porque ela corre o risco de ser julgada, por gostar de algo que a maioria não aceita. Se tratando da tatuagem, elas carregam um significado para quem as possui, mesmo que se veja o mesmo desenho, em várias pessoas, cada um vai representar algo diferente para cada pessoa.

A tatuagem se individualiza, embora os traços sejam os mesmos, no modo como são praticados por/em cada corpo: o corpo místico, o corpo atlético, o corpo adolescente... Não é somente a diferença entre o proprietário do corpo que constituirá o que estou chamando de textualização da tatuagem, também a parte do corpo em que ela está inserida será fundamental no processo de significação. (BRAGA, 2009, p. 145).

É importante entender que as pessoas que se tatuam não tratam o desenho como um simples desenho, e sim, que ali está a representação de algum momento ou pessoa de muita importância. Esta tatuagem é uma forma de homenagear e fixar na pele a história que aconteceu no passado e poder ter a chance de carregar por toda a sua vida algo de grande valor emocional em forma de desenho, frase ou qualquer outro tipo de registro em forma de tatuagem.

Capítulo 3

Representação e significação da arte de se tatuar

Os motivos que levam a se fazer uma tatuagem têm diversas origens, sem nenhum sistema pré-estabelecido. O objetivo principal deste ato é a personalização do corpo e a valorização da individualidade.

Mas por fazer parte de um processo de significação histórico cultural e social, a tatuagem será conectada mais a aspectos negativos do que positivos. Porém, este processo de significação pode passar por mudanças, como afirma Pino (1993, p. 21), onde: “uma experiência pessoal e social de cada indivíduo, evocada em cada ato discursivo é extremamente dinâmico que se faz e refaz nos processos discursivos”.

A tatuagem é uma representação visual de algo interno do homem, uma maneira de seu consciente manifestar-se, simbolicamente, no meio externo. O artista, que é o tatuador, vai capturar as questões conscientes e inconscientes da pessoa, e irá transmitir esta mensagem através do desenho (MARQUES, 1997, p. 56).

A interpretação de uma segunda pessoa sobre o que é representado na pele é um processo de comunicação, e utilizar esta representação para realizar a comunicação, seja de uma ideologia ou sentimento, é resultado de processos de criação realizados ao longo do tempo (RAMOS, 2015, p. 5).

Pode se considerar, então, que o corpo passa a ser um meio e a tatuagem é a mensagem para quem a veja e se interesse pelo desenho. De acordo com Ramos (2015, p. 14): “ter uma tatuagem é uma representação artística externa de valores, conceitos e ideias internas, bem como uma afirmação da personalidade do portador diante a sociedade”.

Entretanto, como já se foi discutido, a significação desta mensagem nem sempre será aceita por todos. É o que Marques (2013, p.19) diz que: “a significação da arte é dada pela obra, como seu significado, percepção, receptividade e a visibilidade, mas não se tem uma garantia de aceitação”.

Quem se tatua está tentando transmitir, por forma da arte, a sua história e contar pelas marcas desenhadas, momentos de grande valor emocional, como nascimento de uma filha (o), uma viagem que marcou o seu passado, uma frase que define a sua personalidade, entre tantos outros motivos.

Marques (1997, p. 14) diz que as pessoas se tatuavam para marcar fatos da vida social e biológica. Ele afirma:

No corpo, primeiramente, para marcar os fatos da vida biológica: nascimento, puberdade, reprodução, morte. Depois, os fatos da vida social: virar guerreiro ou sacerdote ou rei, casa-se, celebrar a vitória, identificar os prisioneiros, pedir proteção ao imponderável, garantir a vida do espírito antes, durante e depois do corpo. (MARQUES, 1997, p. 14).

Precisa-se deixar de lado o estereótipo negativo, voltado ao campo da tatuagem, e entender que quem se tatua está na busca de mostrar a todos o seu verdadeiro eu e fugir do padrão estabelecido a tempos. O que foi “ensinado” no passado, sobre a tatuagem e quem as possui, está ligado a marginalidade e criminalidade, pode ser algo equivocado e sem fundamento e que este tipo de ação já prejudicou e pode prejudicar a estas pessoas.

Capítulo 4

Relatos de quem possui tatuagem

Para este livro reportagem fotográfico, foram realizadas 14 entrevistas, com pessoas de idades entre 18 e 48 anos, com questionamentos como: qual a motivação de se tatuar, o que a tatuagem em questão significa e se, em algum momento, o entrevistado passou por alguma situação de julgamento por ser tatuado.

Além disto, foi questionada a opinião dos entrevistados sobre determinadas pessoas que julgam de forma errada quem tem tatuagem e se a aparência ainda conta como forma principal motivo de julgar uma pessoa.

Estas pessoas foram escolhidas de forma aleatória. Assim, a aluna-autora não foi influenciada pelas histórias dos personagens, para serem escolhidos como entrevistados deste livro-reportagem fotográfico. Todos os direitos de imagem e voz foram confiados para serem utilizados nesta pesquisa.

As entrevistas foram realizadas no mês de junho e início de julho de 2018, em locais escolhidos pelos próprios entrevistados, para que eles se sentissem mais confortáveis em falar sobre o assunto. Antes de cada entrevista, a aluna-autora verificou qual tatuagem seria apresentada/quais tatuagens seriam apresentadas na conversa, para que fosse identificada em qual parte do corpo estava localizada e, assim, a aluna-autora analisasse qual seria a melhor maneira de desenvolver as fotos.

Desta maneira, o público-leitor conseguiria ter uma melhor visualização do desenho e entender a história contada pelo entrevistado, além de receber a mensagem/significado que ela - tatuagem - carrega.

As entrevistas duraram, em média, 30 minutos. Neste tempo, os entrevistados responderam as questões feitas pela aluna-autora e contaram a história da (s) escolhida (s).



Alice Silva, 20 anos

Quando mais nova, nunca tive interesse em fazer uma tatuagem. Quando era pequena, eu não gostava muito. Tinha uma visão de que aquilo era feio e que eu nunca sentiria vontade de fazer algum desenho na minha pele ou que iria gostar de tatuagens, no geral. Porém, depois que fui crescendo, fui vendo o quanto que a minha opinião estava errada. Hoje, tenho duas tatuagens e planejo fazer mais, no futuro. A primeira que fiz, foi a frase 'Be brave', que significa: 'seja corajoso (a)', no braço, perto do pulso, quando tinha 17 anos. Fiz ela pois, em vários momentos da vida, tive que ser corajosa e enfrentar meus medos e dificuldades. Acho que ela representa muito isto. Eu demorei para escolher qual seria a minha primeira tatuagem. Porém, quando vi esta frase, pensei o quanto que ela se encaixava na minha vida.

A segunda que fiz foi o desenho de coração. Ela fica perto da clavícula. Esta tatuagem foi feita quando eu estava de férias, na praia, com minha família. Foi uma coisa do momento. Achei bonita e fiz. Do mesmo modo que minha mãe também fez o mesmo desenho, só que no pulso.

Acredito que, por minhas tatuagens serem pequenas e não chamarem tanta atenção, nunca recebi algum olhar de julgamento, por ter algum desenho. Na minha opinião, quando se trata de desenhos maiores e em locais bastantes expostos, além de chamar mais atenção, acho que sempre terá alguém que irá julgar ou achar feio. Acho que existe um certo preconceito quando se trata de situações como estas.

Porém, não acredito que o preconceito venha de pessoas desta geração e sim das mais velhas, que enxergam a tatuagem como algo que liga a pessoa a alguma coisa ruim. Situações como de ir arrumar emprego, muitos, às vezes, têm que cobrir o desenho para não serem julgados. É um pensamento equivocados, pois a tatuagem não representa que a pessoa seja ruim.





Amanda Melo, *40 anos*

Sempre achei lindas as tatuagens e quem as têm. Porém, o medo de fazer alguma predominava. Mas, em 2001, viajei para os Estados Unidos. Passei um tempo morando no país, e foi quando eu decidi fazer a minha primeira tatuagem, que é o desenho do sol, perto do pescoço. Se passaram muitos anos e, entre 2015/2016, fiz a minha segunda, que é uma homenagem aos meus filhos mais novos. Fiz a letra “L”, que é a inicial do nome dos dois. A terceira, fiz recentemente, nas minhas férias com a família. É um coração no pulso, que representa meu amor a minha família. Acho viciante fazer tatuagem. Quando se faz a primeira, você não quer mais parar. Por isso, planejo fazer mais algumas. Porém, ainda não



sei o desenho.

Infelizmente já escutei alguns comentários negativos. De amigos mesmo. Falando que, por ter determinada idade, não deveria fazer tatuagem. Alguns não sabiam que eu tenho desenhos na pele e, quando viram, ficaram sem graça. Por estes motivos, acredito que ainda exista um preconceito em relação a tatuagem e também com quem carrega desenhos na pele.

Acho que o preconceito ainda é forte, pois gerações cresceram escutando coisas negativas sobre tatuagens e não receberam mais nenhuma informação sobre. Que muitos que tem desenhos na pele são melhores pessoas do que aquelas que não a tem. Acredito que seja algo meio que cultural.



Ohana



Biden



nd



Ana Olívia Santos, 25 anos

Desde criança, sempre achei bonito tatuagem e quis fazer. A primeira acabei fazendo de todo jeito, pois estava com tanta vontade que não pensei direito no desenho e nem nas consequências. Porém, isto me levou a um aprendizado, todas as minhas tatuagens, depois desta primeira, eu pensei muito antes de fazê-las, para não me arrepender.

As que eu destaco hoje, são duas tatuagens. Uma, que é o nome Ohana, que significa família. Foi inspirada no filme Lilo e Stitch. Ela foi um combinado entre todos os primos. Teria que ser esta palavra. Porém, cada um podia escolher a fonte e o local de preferência. A outra que eu fiz, foi o apelido do meu avô. Ela foi no mesmo local que a outra, só que em braços diferentes, pois eu quis criar como uma ligação entre o nome família e o nome do meu avô.

Todos os locais das minhas tatuagens são pensados para que eu consiga evitar algum olhar de julgamento, vindo das outras pessoas. Infelizmente, vivemos em uma sociedade onde ainda é mais importante a sua aparência e não a sua personalidade. Sou um exemplo disso. Tenho que pensar em locais estratégicos, onde as pessoas não irão ver a tatuagem, para que eu não seja julgada. A que ponto chegamos?

Eu sou formada em Direito, e acredito que ainda é um meio onde exista preconceito, por se tratar de ambiente mais formal. Também, na questão de conhecer algum cliente. Sempre uso uma roupa que vá esconder as tatuagens. Então, por me prevenir tanto, acho que nunca recebi nenhum olhar torto.

Pelo fato que está crescendo o número de pessoas que têm desenhos na pele, acredito que o preconceito vá diminuindo. A geração que hoje está se tornando adulta, com certeza tem a mente mais aberta em relação a este assunto do que as pessoas das gerações passadas. Elas entendem que o desenho na pele não está ligado ao seu caráter, a sua ideologia. Por mais que o desenho represente você, de alguma forma, ela não vai lhe manchar como pessoa.

Porém, infelizmente, não é a maioria que aceita. Têm pessoas que deixam de fazer tatuagens, por medo de quando for tentar alguma vaga de emprego não conseguir, por causa do desenho na pele. Ou seja, estamos vivendo a vontade dos outros, para sermos aceitos na sociedade, pois, se não, seremos excluídos.





Daniel Barbosa, *31 anos*

Não acredito que foi interesse em ter tatuagem, mas em ser diferente dos outros, o que me fez fazer a primeira. Fiz com uns 15 anos e foi o símbolo do @. O interessante sobre esta tatuagem é que, hoje, eu trabalho com análise de sistema e o símbolo, de certa forma, se conecta com esta área. Então, ela está ligada a minha vida profissional, bem antes mesmo de eu saber o que iria ser.

Hoje, tenho oito tatuagens. Todas com um significado para uma fase da minha vida. As tatuagens foram ligadas ao âmbito da marginalidade, então, o preconceito até hoje é grande nesta questão. As minhas tatuagens são em locais que não dá para vê o tempo todo. Então, as vezes as pessoas se surpreendem de saber que eu tenho, pois ficam com aquele pensamento de que só carrega desenho na pele o delinquente.

O julgamento pela aparência vai sempre existir. Mas, tento viver de forma a não ligar para estas opiniões e só dar importância aquelas pessoas que são da família e amigos para que, assim, não me atinja com comentários maldosos só por causa de desenhos que são importantes para mim. Porém, que muitas vezes, não são compreendidos.

Agora, quando eu vejo que as pessoas estão curiosas para saber sobre o significado de algum dos meus desenhos, aí sim eu me importo com o que ela está dizendo, pois vejo que ela não tem maldade nenhuma em seus questionamentos.





Deise Souto,
41 anos



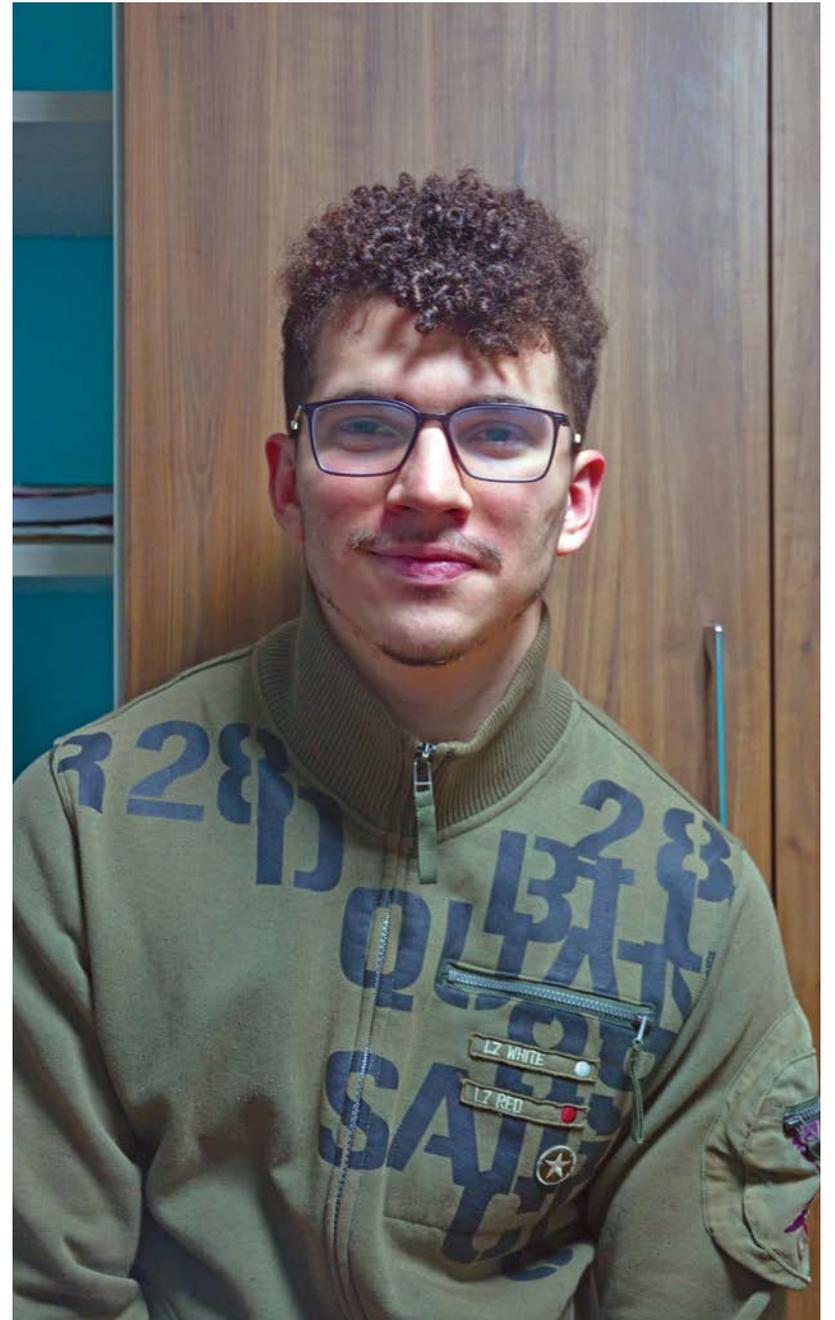
Fiz minha primeira tatuagem aos 41 anos. Sempre tive interesse em fazer uma. Porém, tanto minha mãe, quanto meu ex-marido, não gostavam. Acabei deixando a minha vontade de lado, até que minha mãe faleceu em um acidente de carro e eu percebi que a vida é curta demais para deixarmos aquilo que queremos fazer de lado. Como falei antes, meu ex-marido não gosta de tatuagem e como temos duas filhas que amam, decidi fazer as minhas somente depois que a mais velha fez, para que eu não fosse culpada por influenciar ela a fazer. A primeira tatuagem foi uma coisa de momento. Levei a minhas filhas para furarem um piercing e, chegando no tatuador, comecei a fazer algumas perguntas sobre como era o processo de tatuar e tudo mais. Até que, em certo momento, fiz um esboço do desenho que eu queria e ele disse que, por ser pequeno, seria bem rápido. Então, fiz. O desenho é o “®”, que significa marca registrada. Por que este desenho? Bem, as pessoas são únicas e ela representa que eu sou única, no meu modo de viver, de fazer as coisas.

Cada um é diferente do outro.

Dias depois, voltei ao tatuador e disse que queria fazer o nome das minhas filhas. Escrevi o nome das duas no papel, do jeito que eu queria que fosse a tatuagem. Ele passou para o computador, do mesmo jeito que fiz, e depois tatuou.

As pessoas na minha família, algumas, no caso, falam de um modo meio preconceituoso sobre eu ter tatuagem. Já ouvi comentários como “é coisa de gente doida fazer isso”. Também já vi e ouvi que, em vagas de emprego, em determinados locais, quem tiver concorrendo e tiver tatuagem é descartado na hora.

Infelizmente, a sociedade ainda julga as pessoas pela sua aparência e não pelo seu caráter. Um desenho no seu corpo não vai influenciar em nada a pessoa que você é. Antigamente, este preconceito era maior e isso foi passando de geração em geração. Mas, hoje, vejo que diminuiu bastante. No entanto, não acredito que vai deixar de existir, pois é do ser humano carregar o preconceito.



Heitor Menezes,

20 anos

A primeira tatuagem que fiz, foi aos 18 anos. Ela é o desenho da capa de um single, da banda Cefa. O nome da música é 'despedida' e eu, além de gostar muito, também me identifico com a história que a canção traz. Então, por isso que minha tatuagem foi o desenho desta capa do single.

Já a segunda, achei a arte bem bonita e imaginei que ficaria legal em mim. Então, decidi fazer o desenho. Sempre tive interesse na imagem de astronautas e/ou do desenho da roupa de mergulho, o escafandro. O fundo do mar é uma área que ainda não foi tão explorada, por isso, fiz este desenho, para demonstrar este espírito de aventura, de explorar o desconhecido. Os dois desenhos estão no braço esquerdo, pois, para mim, é um local onde fica bonito se ter uma tatuagem. Fiz as duas no mesmo braço, pois queria fechar o local. Minhas tatuagens são grandes e, por este motivo, elas chamam bastante atenção. Recentemente, fui ao supermercado e, quando estava no caixa, um senhor - não sei dizer a idade - olhou para o meu braço e disse que era feio e começou a falar que meu braço estava sujo. Ignorei os comentários maldosos e terminei de pagar as compras e fui embora. Com exceção deste episódio, acho que nunca sofri um olhar preconceito sobre ter tatuagem e, por esta razão, acredito que as pessoas aceitam mais os desenhos na pele, hoje em dia, do que antigamente. É uma questão social e cultural. Acredito que é uma minoria que sente este tipo de preconceito. Pessoas que ainda têm este preconceito estão presas às décadas passadas e o que era ditado naquela época. Acham que o mundo ainda é o mesmo e ficam com o pensamento no passado. Não as culpo por ter esta mentalidade, afinal, isto foi o que se aprendeu no passado. Porém, a geração de hoje já tem outro pensamento e, por isso, repito: o preconceito está em minoria.





Jenifer Soares,
22 anos

Não irei mentir. No início, quando comecei a ter tatuagens, eu me incomodava com comentários ou olhares preconceituosos que recebia por carregar desenhos. Mas, hoje em dia, isso mudou em mim. Não carrego mais este sentimento. Porém, noto que a maioria destas ações vêm de pessoas mais idosas, que têm uma cultura do passado sobre pessoas que têm tatuagem.

Não posso falar que são todos os idosos, pois já tatuei pessoas com mais idade e elas falaram que sempre gostavam e somente



depois de muito tempo que criaram coragem para fazer algum desenho. Acho que, por ser mulher, os comentários são mais frequentes. Pois, dizem que a tatuagem vai acabar a feminilidade da pessoa, que irei ficar masculina. Porém, não ligo mais.

Tanto é que, hoje tenho mais de 30 tatuagens. Todas carregam um significado, mas esta aqui, que é uma canção da banda Pink Floyd, foi feita há dois anos, em momento da minha vida em que estava passando por algumas situações e ela define bem o momento.

Acredito que na faixa etária entre 14 e 35 anos, são as pessoas que aceitam e gostam de tatuagens. Então, isso já é uma mudança e, para melhor, pois o interesse vem crescendo. Sei que é questão de opinião, quem gosta ou não de desenhos na pele. Porém, precisa-se entender que tatuagem não muda caráter de ninguém.

Tatuagem é uma arte, com a qual as pessoas podem se expressar por meio dela e carregar na pele aquilo que as representa. Se precisa aceitar e respeitar a escolha do outro.



Na minha opinião, tatuagem é uma marca pessoal, carregada pelas pessoas e dá uma característica bem legal para quem as têm. Pois, vai marcar algum momento da história daquela pessoa. Sempre achei bonito e sempre gostei daquilo que a tatuagem traz: o que seria aquela figura, o significado, por exemplo. A primeira vez que vi uma tatuagem, foi a do meu tio, na perna. Achei bem curioso e despertou em mim um interesse em fazer algum desenho.

Tenho três tatuagens. A minha primeira é bem marcante. O desenho é um arco e flecha, perto do ombro. Não sofri nenhuma influência de amigos ou algo do tipo, para fazer este primeiro desenho. Pensei bastante na arte, antes de fazer. Na época, estava prestes a completar 21 anos de idade e, naquele momento, pensava muito em correr atrás dos meus objetivos, pois é nesta idade que começamos a nossa vida adulta. Então, estava em busca da minha independência e dos meus objetivos.

Até hoje, ela representa isto e me lembra daquela época de transição da adolescência para a vida adulta. Não me lembro de alguma vez ter recebido um olhar meio que de julgamento por ter uma tatuagem. Não sei se, por todas elas ficarem em locais que não ficam muito amostra, tem uma certa dificuldade de outros perceberem elas. No máximo, quando levanto um pouco a manga da camisa, que se pode ver uma delas. Porém, os olhares são mais de curiosidade. Acho que para tentar identificar o desenho.

Antes mesmo de ter uma tatuagem, senti um certo preconceito em relação a quem tem. Na família mesmo, nas décadas de 1980 e 1990, o tabu era mais forte. Sempre se associava tatuagem a algo ilícito, a alguém perigoso ou coisa do tipo. Mas, como resolvi fazer a tatuagem já mais velho, tinha um pensamento bem mais maduro do que antes.

Eu sou o caçula da família. Porém, fui o primeiro a fazer um desenho na pele. Antes, senti um pouquinho de preconceito. A família não queria aceitar que eu iria fazer uma tatuagem. Mas, depois de um tempo, começaram a fazer também. Por isso, acredito que o preconceito não existe tanto nos dias de hoje, como antigamente. As gerações mais novas estão mais tranquilas e não se existe um tabu tão grande em relação a esta questão. Tem uma aceitação bem maior do que antes, pois se entende que tatuagem não significa que você é uma pessoa ruim ou não. Muitos que tem tatuagens são melhores pessoas, que os que não tem.

Newton Lagos, 33 anos







Paulo André Farias, *26 anos*

A primeira tatuagem que fiz foi quando estava em um relacionamento e acabei escrevendo o nome da pessoa. Foi algo que, hoje, eu entendo que fiz sem pensar nas consequências. Tanto é, que para cobrir esta tatuagem eu demorei para escolher qual seria o novo desenho. O significado desta é de recomeço e liberdade: uma pena que vai se transformando em pássaros. Acho que, para muitos, a tatuagem ainda é tratada como tabu. Então, o preconceito existente. Quando fiz a primeira, familiares me questionaram o por que de eu ter feito. E, quando cobri, perguntaram o por que de ser este desenho, e questionavam o significado.

Como falei antes, o preconceito existente e vejo muito isso em ambientes de trabalho. Sei que a minha, por ser na costela, não será vista por todos, no dia a dia. Porém, quando eu posto alguma foto nas mídias sociais, recebo alguns comentários das pessoas falando que não esperavam que eu tivesse uma tatuagem. É um preconceito meio disfarçado, na minha opinião.

A cultura é algo que ainda influencia neste preconceito. Então, estas pessoas que julgam quem tem tatuagem, acham que isso não é algo normal. Mas já as pessoas da minha geração, acham bem natural, pois estamos em um tempo mais liberal. As pessoas ainda levam em consideração a aparência, logo de cara. Porém, depois que você conhece a pessoa, muitas vezes você percebe que tudo aquilo que você pré-julgou estava errado e que desenhos na pele não estão ligados a personalidade de ninguém.

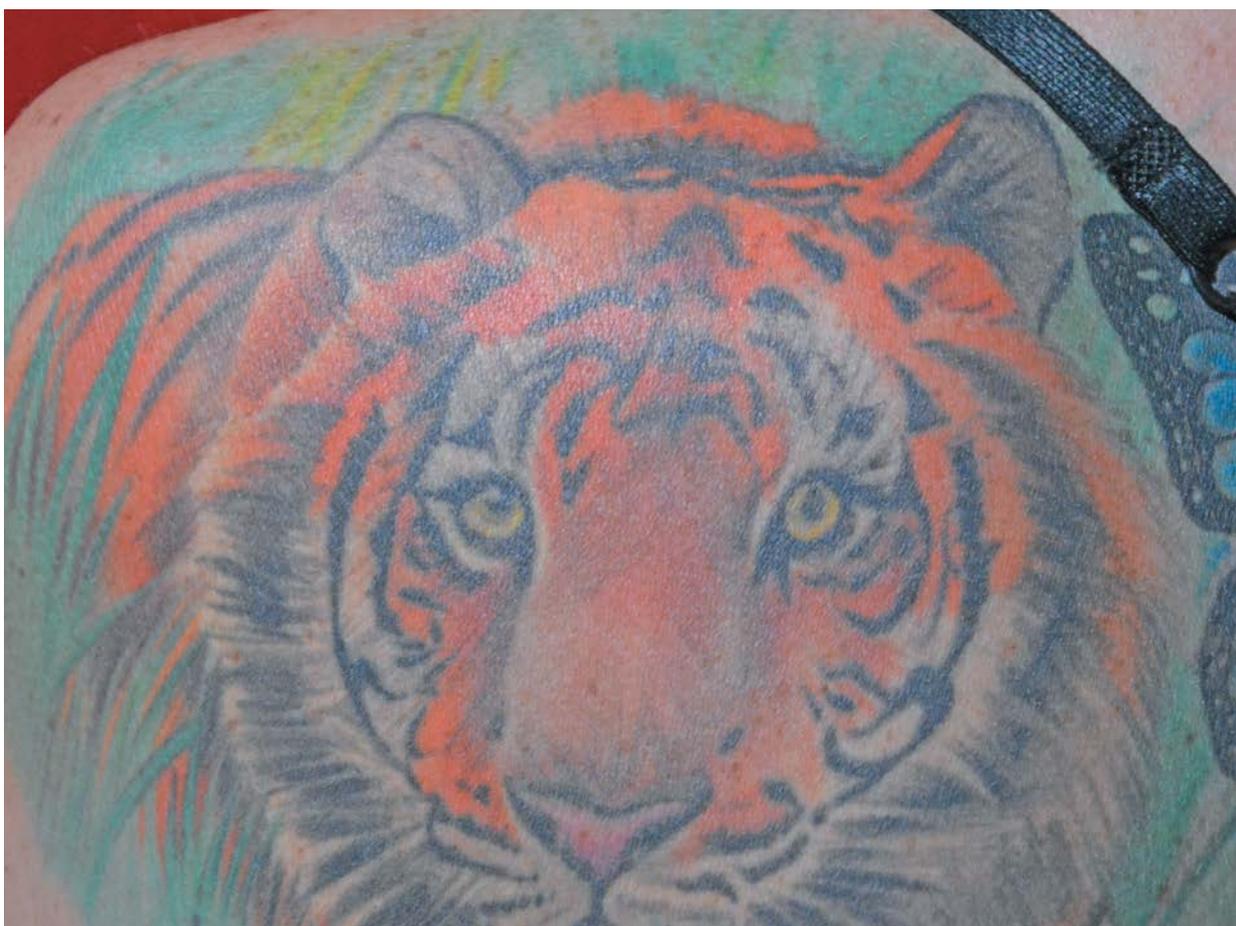


Renata Oliveira,
30 anos



Já perdi as contas de quantas tatuagens fiz. Sei que passam de 20. Sempre gostei de tatuagem. Desde criança, tinha interesse em fazer. Porém, por ser jovem demais, não poderia. Então, comprava aqueles chicletes que vinham com umas tatuagens que colocava na pele com água e saía colocando um monte em mim.

O primeiro desenho que eu fiz foi um golfinho. Estava com uns 14 ou 15 anos, eu era bem nova. Porém, até hoje não me arrependo desta decisão. A maioria das minhas tatuagens são coisas de momento. Vejo o desenho, falo com o tatuador e faço. Mas, tenho outros que carregam alguns significados, como a da minha perna. Ela é em homenagem ao meu pai. Meu irmão viu e me mostrou e nós achamos que seria legal nós dois homenagearmos o nosso pai com o desenho, então decidimos



fazer.

Outro desenho, é um estilo de mandala, com um olho grego dentro. Estava passando por momentos difíceis na minha vida e o desenho combinou perfeitamente, para me privar de receber energias negativas, já que o olho grego tem este significado. Acredito que nunca recebi preconceito da família. Antes, minha mãe não aceitava. Porém, nunca falou nada. Mas, em situações de arrumar emprego, já sofri sim. Já perdi a chance de conquistar uma vaga por causa das minhas tatuagens. Acho que o preconceito ainda é presente em empresas, por exemplo, porque as pessoas têm medo que quem carrega alguma tatuagem manche a imagem da empresa. Pois ainda existe uma imagem negativa de quem tem algum desenho na pele. Porém, acredito que as coisas estão mudando. A geração de hoje com certeza aceita bem mais as tatuagens e isso influencia na aceitação do futuro.



*O homem mais bonito
da terra hoje é o anjo
mais lindo do céu.*



Pai



Júlia

Família Leite





Marília Leite, *21 anos*

Fiz esta tatuagem junto com meu pai e minha irmã. A única que não quis fazer foi minha mãe. Nossa família é muito unida e eu queria fazer um desenho que representasse isto. Eu e minha irmã começamos a pesquisar na internet alguns desenhos, até que achamos este e gostamos. Fiz algumas alterações nele e mostrei ao meu pai, ele concordou e nós três fomos juntos fazer o desenho. Foi no Dia dos Pais, em 2017. Acho que por estar em um lugar

exposto, já recebi alguns olhares, mais acredito que eram mais de curiosidade, do que de preconceito. Porém, mesmo assim, se tem um certo preconceito com pessoas que carregam desenhos no corpo. É como se as pessoas ainda se importassem mais com a aparência, do que com a personalidade. Se julga as pessoas, antes mesmo de conhecê-las. Na minha opinião, estas pessoas que julgam as que têm tatuagens, realmente criam um preconceito sobre elas, sem ter o conhecimento do que aquele desenho trata, qual o seu significado para quem o tem. A tatuagem não vai mudar a sua personalidade, e essas pessoas que julgam quem tem tatuagem, não entendem que vai muito além do desenho.

Almir Leite,

48 anos

Minhas filhas queriam fazer uma tatuagem há algum tempo. No entanto, sempre falava que era algo para se pensar bem, pois é definitivo. Elas pensaram em alguns símbolos de Harry Potter, eu achei bonito, porém não acreditava que seria uma boa opção para ser a primeira tatuagem, pois não sabia o que significava.

Conversei com elas e disse que só faria algum desenho se fosse ligado a família, então elas pesquisaram e acharam um desenho que representasse isto. Achei, além de bonito, muito interessante o que ele significaria para nós, então concordei em fazer. Fomos fazer a tatuagem no Dia dos Pais. Quando jovem, já tinha gerado um interesse em fazer alguma tatuagem, porém o tempo foi passando e acabei deixando a ideia de lado. Foi mais as minhas filhas que trouxeram de volta esta vontade de me tatuar.

O meu desenho fica em um local mais escondido. Então, é difícil as pessoas visualizarem ela. Mas, nota-se que aqueles que são mais conservadores fazem comentários que se percebe serem maldosos e não de admiração ou curiosidade. Entretanto, não ligo para o que falam, pois o significado desta tatuagem é muito mais importante do que o que falam.

Existem diversos tipos de desenhos, estilos de tatuagem e tudo mais. Porém, as vezes, por não conhecer o seu significado, as pessoas acabam julgando de forma errada e isso gera o preconceito.





*Maísa Leite,
18 anos*

Nunca cheguei a passar por alguma situação constrangedora. No entanto, já ocorreram situações em que falei sobre ter tatuagem e a pessoa que estava comigo mudou de atitude ou recebi um olhar diferente, como se tivesse algo de errado comigo. Acho que, mesmo com situações como esta, a sociedade melhorou muito em relação ao preconceito com quem tem tatuagem. Mas é algo que ainda precisa evoluir. A partir do momento que você diz que tem tatuagem, as pessoas começam a lhe fazer questionamentos, como se cobrasse algo de você, como se precisasse de uma prova que você é bom ou não.

Para estas pessoas que julgam quem tem tatuagem, acho que é falta de conhecimento, pois uma tatuagem não muda quem você é, assim como um corte de cabelo, um brinco. O que lhe faz pessoa, é o seu caráter. Muitos que se vestem de terno e gravata já mostraram que são más pessoas, do que aquelas que são completamente tatuadas.

Tatuagens carregam significados, como a minha, que reforça o quanto eu e minha família somos unidos e que sempre estaremos um do lado do outro, independente das dificuldades que possamos. Ela representa o nosso amor, um pelo outro. É importante que as pessoas vejam mais que a aparência.

Fui a última a fazer. Entretanto, este desenho não deixa de carregar o mesmo significado: o amor, a união e admiração que temos um pelo outro. Acho que fui a última pelo fato de nunca ter um interesse em tatuagem. Mas, vendo o desenho nelas, o que representava, me motivou!

Esta tatuagem já gerou olhares de curiosidade, na minha opinião. As pessoas, por terem a ideia que só quem é jovem que faz tatuagem, meio que se surpreendem quando veem alguém mais velho com algum desenho no corpo.

Porém, este olhar de admiração não significa que não exista

mais preconceito. Antigamente, pessoas com tatuagem eram vistas como fora do padrão que a sociedade ditava e, por isso, o preconceito era gerado. Hoje em dia, isto mudou bastante, pois a maioria carrega algum desenho no corpo. Mas, existe sim um julgamento pela aparência. As pessoas precisam parar de conectar tatuagem com caráter.

Acredito que isto tem que ser algo trabalhado, na mente de cada um. Abrir a mente: que qualquer um é livre para fazer tatuagem e esta imagem que, pessoas com tatuagem não são pessoas de bem, é algo ultrapassado e que isso não existe mais.

Analucia Leite, 45 anos



Capítulo 5

Preconceito tem jeito?

O intuito deste livro-reportagem foi o de dar voz às pessoas que carregam tatuagens pelo corpo e que já sofreram algum tipo de preconceito por fugir do padrão escolhido pela sociedade, além de destacar que estes desenhos têm um significado para quem os possui.

Se pôde observar que o estereótipo ainda é muito presente na sociedade atual, por causa do que foi aprendido no passado e foi sendo ensinado para as gerações futuras. Com isso, foi explicado que existem dois tipos de estereótipos e que as pessoas não preconceituosas irão reavaliar a primeira impressão que tiveram em relação a outro indivíduo que carrega desenho pelo corpo e, assim, deixar o pensamento preconceituoso de lado.

Também foi abordada a questão de que, quem escolhe se tatuar, está, de alguma forma, fugindo do padrão ditado e tentando encontrar sua própria individualidade. Além de tentar encontrar a singularidade, quem se tatua tenta passar uma mensagem, pela arte desenhada no seu corpo e também usa esta forma para homenagear alguém ou registrar algo de grande valor que aconteceu na sua vida.

Pôde-se notar, durante as entrevistas: como a opinião de todos tem semelhanças; como a sociedade foi - e é - preconceituosa em relação a tatuagem; e como quem as tem já sofreu algum tipo de julgamento. Também se viu que todos se tatuaram como forma de prestar homenagem a alguém ou como uma forma de registrar algo que os marcou no passado.

Ficou claro, durante a análise das entrevistas, o julgamento pela aparência, o chamado estigma visual, já citado anteriormente, como algo ainda muito presente (e frequente) na atualidade. Por esta razão, muitos são prejudicados, porque outros carregam em si o estereótipo, que quem tem tatuagem não se encaixa no padrão da sociedade e por isto ela deve ser evitada e até excluído do grupo.

Resta o questionamento: será que o preconceito contra este grupo pode acabar? De acordo com Silva (2007, p. 67), a solução para acabar com o preconceito é se ter um contato entre os grupos. Silva (2007, p. 67) aponta: “Desta forma, o preconceito entre os grupos pode ser reduzido quando ambos os grupos estão em igualdade de status e buscando objetivos comuns”.

O que se pode tirar como conclusão é que, estas pessoas, as que carregam tatuagem, querem respeito pelas suas escolhas. Muitos podem não entender a motivação de se tatuar. Porém, a partir do momento que não julga-se ou questiona-se esta ação, passa-se a mudar o cenário de preconceito existente e faz-se com que a esta ação influencie outros a agir e respeitar a escolha daquele que decidiu se tatuar ou fazer qualquer mudança no corpo que não está prevista nos padrões ditados pela sociedade.

